

AS REPRESENTAÇÕES IMAGINÁRIAS DO “MILAGRE EM JOASEIRO”

Rogério Luiz de Souza - UFSC*

“Milagre em Joaseiro”¹, obra de Ralph Della Cava, pretendeu ser a história política, social e econômica do movimento religioso popular que floresceu entre 1889-1934 no sertão do nordeste brasileiro, mais precisamente no sul do Estado do Ceará. A obra foi financiada pela fundação FORD, para atender a necessidade de melhor compreensão das nações latino-americanas. A intenção era desnudar os mitos, fantasias e erros para tornar inteligíveis os fatos. No entanto, o trabalho que nos propomos, assinala uma perspectiva nova à obra de Della Cava. Recorrendo ao estudo do Imaginário Social, queremos entender os acontecimentos do Joaseiro a partir das representações imaginárias criadas pelos sujeitos sociais para responderem uma determinada realidade e que se constituíram como um referencial unificador e estimulador de determinadas práticas sociais. Segundo Baczko Bronislaw, "através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de 'bom comportamento', designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do 'chefe', o 'bom súdito', o 'guerreiro corajoso', etc.." ²

Joaseiro encontra-se no Vale do Cariri, região fértil, abalada pelas secas. Crato em 1844 tornava-se a principal cidade deste vale, sendo denominada “**pérola do Cariri**”, centro de distribuição e comercialização. Tinha ligação com o Recife, berço de movimentos nacionalistas e separatistas. A assistência eclesial era péssima, poucos padres e “grande imoralidade” entre o clero. O império, na base do relacionamento do padroado, não restaurava as igrejas e as próprias eleições eram feitas no interior delas, sendo alvo, muitas vezes, de apedrejamento. A situação política era o Coronelismo.

Diante desse contexto, encontrava-se a figura do Pe. Cícero, que em 1872, precisamente em 11 de abril, recém-ordenado, chegava à capela Nossa Senhora das Dores, em Joaseiro, distrito de Crato, para celebrar uma missa. Seria convidado para assumir aquela capela. Sua intenção era de ir a Fortaleza, mas, repentinamente, um sonho modificou tudo: Cristo, em sonho, ordenou-lhe que cuidasse daqueles miseráveis e que daria a última oportunidade aos homens. Assim, antes mesmo dos acontecimentos do milagre em 1889, Pe. Cícero já se via engajado na obra "salvífica" de Cristo, a exemplo de outros visionários como Mestre Ibiapina. A opção sacerdotal, portanto, nascia de uma situação concreta e desoladora. O homem do nordeste brasileiro era visto como uma pessoa sujeita ao castigo das secas, da falta de higiene e de moralidade. E Joaseiro era o lugar da transformação e a Capela de Nossa Senhora das Dores o lugar do alívio dos sofrimentos, ou pelo menos, do reconhecimento da finitude humana.

Tudo isso, contudo, partia da introdução do imaginário de transformação de um homem desiludido com as sucessivas secas e afeito às "desordens imorais" em um homem renovado, capaz de sanar os males do mundo, através de práticas litúrgicas inculcadas por homens "santos" que se entregavam ao compromisso com os mais pobres, que sem muitas preocupações acabavam afrontando a autoridade episcopal e mobilizando as pessoas para a construção de açudes, Igrejas e casas de caridade, e que, por sua vez, sugeriam um emaranhado de crenças sobre o fim do mundo. Foi dessa fonte que Pe. Cícero e os sofridos do Vale do Cariri beberam a água e, porque não dizer, o sangue que jorraria da hóstia consagrada e que transformaria suas realidades e os lançaria ao "convívio dos eleitos", numa "fidelidade não somente repetitiva de uma tradição" criada pelos padres missionários, "mas, ouvir uma teimosa insistência em ser e continuar a ser. Uma afirmação de identidade"³, que, ao mesmo tempo, estaria investida de uma roupagem nova e de novos significados⁴, criados e fomentados pelo imaginário da redenção.

Pe. Cícero recuperaria o lugarejo trazendo de volta à Igreja os elementos desordeiros, beneficiando, segundo ele, a sociedade. Esta confiança transformar-se-ia em submissão completa aos seus conselhos, identificando Pe. Cícero ao conselheiro supremo, o Patriarca, o Pai bondoso e acolhedor, capaz de perdoar o infiel e de conduzi-lo do mundo do pecado ao mundo da santidade, dando-lhe conselhos e trabalho. E na manhã de primeiro de março de 1889 se confirmaria esta confiança. Pe. Cícero Romão Batista ao ministrar a comunhão a uma devota, Maria de Araújo, acabou presenciando, milagrosamente, a transformação da hóstia consagrada em sangue (sangue de Cristo). Foi a pedra fundamental do movimento. Tal fato se repetiu várias vezes e o milagre foi confirmado por outros da região.

Este “milagre” da transformação da hóstia consagrada por Pe. Cícero em sangue de Cristo vai caracterizar a base imaginária da população devota. O sangue representaria o segundo sacrifício (redenção) de Cristo à humanidade, assemelhando-se ao próprio sofrimento do povo nordestino. Era a única oportunidade de salvação, pois o juízo final, segundo esta visão apocalíptica, estava próximo, entrando em colisão direta com a posição romanizada da Igreja Oficial. Pe. Cícero, dentro desse imaginário em construção, seria o representante autorizado por Cristo, capaz de operar as transformações que se faziam necessárias, convocando a todos a uma atitude de obediência e fidelidade à sua palavra, antes que Cristo viesse e fizesse o julgamento final. Tal evento, no entanto, caminhou de tal forma que as implicações religiosas se alastraram pelos segmentos da vida política, social e econômica daquela região, criando-se um grande imaginário social em torno do milagre.

Após o milagre, devido os problemas dogmáticos e as crenças que a partir daí surgiram, a Igreja pede a suspensão de ordens do Pe. Cícero, cessação das romarias e transferência de Maria de Araújo para a casa de caridade de Crato. O povo romeiro, contudo, não se desvinculou das promessas da segunda redenção e da fidelidade a Pe. Cícero. A Igreja oficial para eles, desde os tempos de Mestre Ibiapina, não tinha respaldo doutrinário, o que

valia era que Cristo se manifestou e fez daquele povo o povo escolhido, em marcha, assim como eles (romeiros), à conquista da salvação. Pe. Cícero e Maria de Araújo e Joaseiro eram a verdade imaginada e personificada desta nova realidade.

O movimento, então, começou a tomar força. Dom Joaquim, bispo da Diocese do Ceará, chamaria o movimento de cismático, o que levaria a Igreja oficial a forjar um contra-imaginário, atribuindo a Pe. Cícero a figura de embusteiro e de protetor de bandidos, aos seus seguidores de fanáticos e a Joaseiro de “Meca dos Fanáticos”, numa tentativa explícita de assegurar sua legitimidade diante de uma sociedade que começava a se impressionar com a força avassaladora do imaginário redentor de Joaseiro, o que queria dizer, segundo Bronislaw, que “as situações conflituais entre poderes concorrentes estimulavam a intenção de novas técnicas de combate no domínio do imaginário. Por um lado, estas visavam a constituição de uma imagem desvalorizada do adversário, procurando em especial invalidar sua legitimidade; por outro lado, exaltavam através de representações engrandecedoras o poder cuja causa defendiam e para a qual pretendiam obter o maior número de adesões”.⁵

O milagre iria sugerir uma “religião popular”, indo de encontro à política eclesial de romanização. Essa “religião popular” reinventaria a proposta da Igreja oficial, reformulando os dogmas e as atitudes a começar pelo Ceará e expandindo-se ao mundo, onde, o ponto de retorno e convergência seria Joaseiro. A “Nova Religião” oferecia aos crentes o alívio dos sofrimentos terrenos, onde não se venerava um santo poderoso, mas apenas uma pequena urna de vidro dentro da qual se encontravam hóstias e panos manchados pelo precioso sangue de Cristo. Sua Veneração tinha prioridade sobre as práticas litúrgicas regulares do catolicismo e significava a opção clara de um povo por uma fé que respondia à sua angústia cotidiana.

As beatas, ao mesmo tempo, impregnadas das crenças apocalípticas da destruição do mundo, divulgadas pelos antigos missionários e agora pela reforçadora imagem de um juízo final sugerido pela transformação da hóstia consagrada em sangue de Cristo, se viam como

obreiras da caridade e propagadoras de uma idéia de fim de mundo, associada ao fim da monarquia e à autoridade republicana sobre o casamento. Para a população carente elas representavam o único recurso de sobrevivência, a cura do corpo e da alma. Cada cura significava um milagre, uma possibilidade de salvação, pois através delas Cristo perdoou e curou o enfermo. A cura operada, os êxtases e os transes revelavam a sobrenatureza da beata e confirmavam a sua palavra apocalíptica, reforçando um imaginário social sustentado “na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro”⁶

Mas o movimento precisava organizar-se. José Lobo orientaria os moradores, tornando-os instrumentos viáveis em prol do Pe. Cícero, através das irmandades e a Legião da Cruz⁷ - mecanismo utilizado para ganhar prestígio diante de Roma e para reintegrar Pe. Cícero às ordens eclesiais. Com a organização Joaseiro cresceu. Criou-se a imagem de uma cidade nova. A **Nova Jerusalém**, a cidadela dos peregrinos onde era possível almejar uma vida melhor e feliz. Para os antagonistas, ao contrário, representava a cidadela do sectarismo e do fanatismo. Afinal, segundo Castoriadis, a criação do imaginário social tem “a capacidade de combinar elementos já dados para produzir um outro e a capacidade de colocar uma nova forma.”⁸ A nova Jerusalém era o lugar onde os “náufragos da vida” podiam refugiar-se e encontrar paz, a nova paz tão almejada, que se faz traduzir no próprio significado do nome Jerusalém: a cidade das pazes, onde todos eram recebidos, abençoados e marcados pela imposição protetora das mãos do Patriarca Padim Ciço, capaz de tornar o corpo impenetrável e a alma firme no propósito. Esta paz também revelava um sentimento de justiça combativa, em torno da qual poderia se sobrepujar as injustiças sociais. Essa imagem de justiça combativa não se alicerçava no enfrentamento direto às forças políticas, mas no desejo de controlar o meio adverso através do trabalho proporcionado pelo Patriarca. Por isso, Joaseiro era considerado o lugar da tranquilidade, do trabalho, da riqueza e da fé, o ponto de encontro onde Deus

depositou a salvação do mundo no momento em que Cristo derramou o seu sangue em 01 de março de 1889. Assim, com as peregrinações sucessivas, Joaseiro viveu um momento de expansão demográfica, incremento econômico e, posteriormente, de emancipação, devido fundamentalmente ao seu imaginário religioso, impulsionador das transformações sociais, políticas e econômicas.

As primeiras peregrinações foram feitas por pessoas de todas as classes de forma organizada, antes do posicionamento oficial da Igreja a respeito do milagre; as posteriores, depois do pronunciamento, foram espontâneas, encorajadas pela Legião da Cruz. As pessoas que lá iam eram na sua maioria pobres, vindos de muito longe em busca da prometida justiça social. Os de classe mais abastada, aproveitando-se deste imaginário ou mesmo estando impregnado por ele, foram por motivo de ordem comercial, profissional e política.

Diante desse fluxo migratório, ocorre, concomitantemente, as sucessivas secas que acabam com mais de um terço da população do Ceará. Contudo, Joaseiro permanecia em pé, inabalável, como sinal de sua virtuosidade e crença em Cristo e em Pe. Cícero, o único centro abundante em mão-de-obra. E era Pe. Cícero quem a controlava. Era o “czar” da mão-de-obra. Ninguém aceitaria emprego sem antes consultá-lo. Todos no vale tinham uma lealdade fervorosa e os programas de obras públicas só progrediam com a força de trabalho fornecida pelo Padre. Desta maneira, a imagem de Pe. Cícero como santo milagreiro estaria associada não somente à cura corporal, mas, neste momento, associada ao desenvolvimento de uma coletividade.

A economia de Joaseiro também crescia em torno desta religiosidade (indústrias artesanais - utensílios domésticos, imagens, rosários – e, posteriormente, casas financiadoras). A força representativo-simbólica de Pe. Cícero sobre a população e o imaginário unificador desta mesma população fez com que Joaseiro se tornasse um pólo de incremento agrícola, industrial (artesanato), financeiro e urbano-modernista. “O padre tornava-se um agente-chave

no processo de modernização do esquecido Nordeste, embora de inspiração conservadora, capitalista e paternalista.” (DELLA CAVA: p. 218) Além disso, Pe. Cícero inculcava em suas consagrações novos imaginários, novos valores de uma economia baseada no trabalho duro, na honestidade e o respeito às autoridades eclesiásticas e civis: “quem tiver roubado não roube mais; quem tiver matado, não mate mais; quem tiver sido desonesto, largue o mau caminho... Volte ao trabalho e reze o terço de Nossa Senhora todos os dias.” (DELLA CAVA: p. 218)

Mas, era a sua arte de congregar as massas e de se colocar em posição de neutralidade diante das porfias políticas, que as oligarquias locais se fizeram próximas, no intuito de ganhar prestígio diante da população e de concentrar este imaginário em seu poder, haja vista que o “imaginário social é uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder”.⁹

Nos 15 anos que se seguiram a 1894, a economia de Joaseiro forjou uma estrutura que lançou o povoado na campanha de autonomia municipal. A partir daí surgiram as primeiras idéias emancipacionistas. Mas a política do coronelismo impedia. O governo municipal tinha o privilégio do controle fiscal e do reconhecimento político; e Crato não queria perder o distrito de Joaseiro, ainda mais agora, em que o auge econômico do distrito lhe proporcionara uma arrecadação aos cofres públicos nunca antes imaginados.

Começaram a surgir, por conseqüência, os primeiros incidentes, sejam eles com o município de Crato ou mesmo entre a população de Joaseiro composta pelos “filhos da terra” e os “filhos adventícios”. Estes dois grupos entraram em colisão direta, caricaturando-se ambos como forma de ofensa, a ponto de não poderem contrair matrimônio e de não poderem participar de determinadas irmandades religiosas, mostrando-se claramente, envolvidos pelo imaginário do poder, do controle e da dominação. Para resolver estes impasses, Pe. Cícero deixaria a política de neutralidade e se posicionaria a favor dos dois grupos, na célebre frase: “*Sou filho de Crato, é certo, mas Joaseiro é meu filho*”.

Desta maneira, amalgamando as duas forças para não criar um clima de hostilidade, Pe. Cícero entrava na política com o apoio do Dr. Floro Bartolomeu da Costa, filho adventício e que foi o seu articulador político na sua profícua atuação. Torna-se, então, o primeiro prefeito de Joaseiro, Vice-Governador e Deputado federal pelo PRC-C, culminando, todo esse sistema de imaginários sociais, na fabricação do mito do grande chefe. Tornava-se Coronel, padrinho dos perseguidos e oprimidos; a resposta aos problemas; aquele que congregaria todos em torno de um imaginário político-religioso de honestidade e de santidade.

Após a morte de Floro, Pe. Cícero perdeu prestígio político. Em 1930 o prefeito nomeado pelo governo de Getúlio Vargas retirou o retrato do padre da prefeitura, representando, assim, o fim simbólico de uma era política do Nordeste brasileiro. Em 20 de julho de 1934 Pe. Cícero faleceu. Sobre uma forte e comovida celebração de exéquias, o povo se acotovelava aos gritos para ver o seu “Santo Pai” que partia para a tão querida cidade celeste de seus sonhos a qual nem patriarcas e nem políticos podiam renunciar. Numa eloqüente força imaginária, a morte de Padim Ciço não representou o fenecimento das esperanças redentoras daquelas almas fadadas à miséria do sertão nordestino, mas a convicta esperança de que a justiça estaria por luzir e de que Pe. Cícero, o “alter Christus”, em breve voltaria para concretizar o plano redentor da Nova Jerusalém.

*Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

¹DELLA Cava, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, 279p. (Estudos Brasileiros, v. 13).

²BRONISLAW, Baczko. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Oficial - Casa da Moeda, 1985, p. 309.

³MEYER, Marlyse. *Neste mês de Rosário: Indagações sobre Congos e Congadas*. In: *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1993, p. 165.

⁴Cf. CASTORIADIS, Cornelius. *A Criação Histórica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

⁵BRONISLAW, Baczko. *Op. cit.*, p. 300.

⁶idem, p. 312.

⁷A Legião da Cruz era um movimento da Igreja que tinha como objetivo angariar fundos para a recuperação do Estado Papal.

⁸CASTORIADIS, Cornelius. *Op. cit.*, p. 89.

⁹BRONISLAW, Baczko. *Op. cit.*, p. 310.